



Diz, Jesus Cristo,
por que me beijam tanto os pés?
Sou São Pedro aqui sentado,
em bronze imobilizado,
não posso olhar para o lado, nem dar
um pontapé,
pois tenho os pés gastos, como vês.
Faz um milagre, Senhor.
Deixa-me descer ao rio,
voltar a ser pescador
que é o que sou”

RAFAEL ALBERTI (1902-1999), poeta espanhol.

a Igreja do Papa Francisco. Um pequeno decálogo

Em 28 de fevereiro de 2013, Bento XVI abandonava o Vaticano, de helicóptero, para se dirigir a Castel Gandolfo. Iniciava-se, assim, na Igreja católica, o tempo denominado sede vacante, que terminou no dia 13 de março de 2013, com a eleição de JORGE MARIO BERGOGLIO como PAPA FRANCISCO.

Mas, esta viagem de Bento XVI a Castel Gandolfo não encerrava, apenas, o seu pontificado, nem significava, apenas, uma substituição no Vaticano: supunha uma profunda mudança eclesial.

Para compreender esta afirmação, devemos remontar ao tempo de João XXIII e à convocação do Concílio Vaticano II, em 1959. O Vaticano II (1962-1965) significou o “requiem do constantinismo”, ou seja, a superação do estilo de Igreja da cristandade, vigente desde o século IV, e que se reforçou e consolidou no tempo de Gregório VII: uma Igreja transformada numa grande instituição clerical, centralizada em Roma, fechada ao mundo, única âncora de salvação, uma espécie de grande pirâmide monárquica e vertical, triunfalista e dominadora.

O Vaticano II oferece-nos uma outra imagem de Igreja, Povo de Deus, que caminha com toda a humanidade rumo ao Reino de Deus, que respeita a liberdade religiosa e reconhece que o Espírito do Senhor conduz, não apenas a Igreja católica, mas todas as Igrejas cristãs e todas as religiões e todos os povos para a salvação. Daí nasceu a índole misericordiosa, esperançosa e dialogante do Vaticano II, face ao dogmatismo intransigente e inquisitorial da Igreja cristandade. Foi um verdadeiro Pentecostes, como João XXIII havia desejado e pedido.

Mas, este concílio inaugurado por João XXIII e encerrado por Paulo VI suscitou, de imediato, suspeitas, reações contrárias e medos. Criticaram-se os abusos e exageros cometidos em nome do concílio, temia-se a perda da identidade eclesial, temia-se a possibilidade de se chegar a uma rutura e a uma divisão eclesial, eclodiram sentimentos de saudade da velha e tradicional Igreja da Cristandade, a Igreja das catedrais e das Sumas Teológicas...

O que explica que, nos últimos anos do pontificado de Paulo VI (alguns acreditam que já a partir da publicação da Encíclica *Humanae vitae* sobre a “pílula”, em 1968) e, sobretudo, nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, se tenha levado a cabo uma leitura e uma hermenêutica do Vaticano II mais em continuidade com a tradição anterior do que com a novidade e o *aggiornamento* que havia impulsionado o bom Papa João. A partir de então, o impulso conciliador diluiu-se e houve um travão em todas as instâncias (liturgia, ecumenismo, colegialidade episcopal, autonomia das Igrejas locais, responsabilidade laical, profetismo da vida religiosa, novos sinais dos tempos, novas teologias, inculturação...) passando-se da primavera conciliar ao inverno eclesial.

Sem dúvida, João Paulo II teve um grande dinamismo geopolítico e queria reformar a Igreja e implantar o concílio, mas mantendo inalterada a doutrina e a estrutura eclesial existente. Não por acaso, o Papa polaco integrava o grupo minoritário do Vaticano II que discordava de muitas das propostas conciliares e

defendia a chamada “linha cracoviense”. Ratzinger por sua vez, apoiou teologicamente o pontificado de João Paulo II e, uma vez eleito pontífice como Bento XVI, procurou, sem dúvida, uma renovação eclesial, mas a partir de uma filosofia e uma teologia tão ortodoxas e racionais que fechavam o caminho a uma real inovação na Igreja.

Do que foi dito anteriormente, seria falso deduzir que o Vaticano II não produziu frutos positivos, mesmo em pleno inverno eclesial. Assim como seria falso acreditar que na época da Crisandade não houve grandes elementos de vida e santidade. O Espírito não deixa de vivificar sempre a Igreja e suscita, continuamente, movimentos de reforma e de retorno ao Evangelho: na Igreja, nunca faltaram santos e santas, profetas e místicos, reformadores e renovadores. Mas não se pode ocultar que as consequências eclesiais da postura neoconservadora do pós-concílio foram funestas. Bento XVI, comentando o episódio evangélico da tempestade acalmada, confessava:

“Também hoje a barca da Igreja com o vento contrário da história, navega pelo oceano agitado do tempo. Tem-se, muitas vezes, a impressão de que está quase a afundar-se. Mas o Senhor está presente”.

Na realidade, não era apenas o vento adverso da história que sacudia a barca eclesial: o problema estava na própria estrutura da barca, muito pesada e com muitas brechas. Se a isto acrescentarmos os abusos sexuais do clero e os escândalos económicos do Banco Vaticano, compreender-se-á o descrédito a que havia chegado a Igreja e o êxodo crescente de fiéis que a abandonaram. Não é estranho que Bento XVI, com grande humildade, realismo e coragem, renunciasse e afirmasse: “Já não tenho mais forças”.

Os gestos simbólicos do Papa Francisco

O novo Papa Francisco, antes de pronunciar discursos e escrever encíclicas, foi realizando uma série de gestos simbólicos muito significativos, que foram facilmente captados por todo o mundo, e que foram amplamente difundidos pelos meios de comunicação.

Estes gestos foram mudando o ambiente eclesial dominante, aproximaram a Igreja do mundo de hoje, e suscitaram a esperança de uma nova primavera eclesial: o Papa proclama-se, simplesmente, Bispo de Roma; assume o nome de Francisco, o *poverello* de Assis que queria reformar a Igreja; pede ao povo que reze por ele; beija um menino deficiente e abraça um homem com o rosto totalmente deformado; na Quinta-Feira Santa, lava os pés de uma jovem muçulmana na prisão; em Assis, come com crianças com síndrome de Down; vai à ilha de Lampedusa, na sua primeira viagem fora de Roma e lança uma coroa de flores amarelas e brancas ao mar, em memória dos emigrantes mortos; convoca um dia mundial de oração e de jejum pela paz na Síria, fortemente impressionado

pelos rostos das crianças mortas por armas químicas; calça os seus sapatos velhos, em vez dos sapatos vermelhos do seu antecessor; opta por não morar nos Palácios Apostólicos Vaticanos, mas na residência de Santa Marta; em Roma, viaja num carro simples e pequeno, para não escandalizar as pessoas dos *bairros* periféricos populares; responde a perguntas de um jornalista não crente; convida rabinos da Argentina para uma visita em Santa Marta; dá de presente uns sapatinhos ao neto de Cristina Fernández de Kirchner; recebe Gustavo Gutiérrez, o pai da Teologia da Libertação; coloca um ramo de flores na sepultura do Pe. Pedro Arrupe; convida quatro mendigos para o seu aniversário; visita favelas no Rio e casas de migrantes africanos em Roma... Estas “florinhas do Papa Francisco”, assim como as “florinhas de João XXIII”, foram facilmente entendidas pelo povo.

Os especialistas em semiótica chamam a atenção para o valor significativo dos gestos simbólicos, que vão muito para além das palavras, uma vez que os símbolos nos obrigam a refletir. Isto é verdade, mas à margem desta explicação semiótica, há outra razão mais profunda que explica esta mudança de recetividade eclesial e mundial: estes gestos simbólicos de Francisco têm um profundo sabor evangélico, têm o cheiro do Evangelho, de Jesus de Nazaré. É por isso que, agora, não apenas os seus gestos, mas também as suas palavras são acolhidas de uma forma nova.

O que Francisco diz e faz não é mais do que traduzir o Evangelho para o mundo de hoje: está mais preocupado com a fome no mundo do que com os problemas intra-eclesiais, afirma que mais do que centrarmo-nos, obsessivamente, nos problemas morais, o que é preciso é anunciar a grande alegria da salvação que vem de Jesus, sonha com uma Igreja pobre e dos pobres.

Pouco a pouco, foi acrescentando aos gestos simbólicos mensagens de grande conteúdo pastoral, desde as suas homilias diárias na Capela de Santa Marta, até à Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Se João Paulo II e Bento XVI eram professores universitários, Francisco é, sobretudo, pastor, como João XXIII.

Mudou, totalmente, o clima pastoral, há um ar novo vindo, desta vez, do Sul, “do fim do mundo”, do mundo dos pobres. Os gestos e palavras de Francisco não são fruto de uma improvisação, mas consequência do seu trabalho pastoral em Buenos Aires, do seu contato com o povo, com as favelas, com os padres “villeros”. Mudou também o clima eclesial, há alegria e entusiasmo entre os fiéis, há expectativa e surpresa nos ambientes sociais e políticos que o nomearam o Homem do Ano; 2013 foi o ano do Papa Francisco.

A Igreja do Papa Francisco

Passado um ano [2014], qual é o balanço do pontificado de Francisco, que

imagem se vai desenhando da Igreja de Francisco? Quais são as características da Igreja segundo Francisco? Apresentamos aqui um pequeno decálogo.

1. De uma Igreja poderosa, distante, fria, endurecida, medrosa, reacionária, da qual as pessoas se afastam e que abandonam... para uma Igreja pobre, simples, próxima, acolhedora, sincera, realista, que promove a cultura do encontro e da ternura. O novo Bispo de Roma, Francisco, reconhece-se pecador e pede orações; recorda que a Igreja necessita de uma conversão e duma contínua reforma evangélica, duma reforma à moda de Francisco de Assis.

2. De uma Igreja moralista, obsessivamente preocupada com o aborto, com o controlo da natalidade, com o casamento homossexual... para uma Igreja que vai ao essencial, que se centra em Jesus Cristo contemplado e adorado, recupera o Evangelho, anuncia a grande Boa Notícia da salvação em Cristo, pois Jesus é o único que atrai; quer difundir o cheiro do Evangelho de Jesus, pede aos jovens que não se envergonhem de ser cristãos, que coloquem Jesus Cristo no centro das suas vidas, a fé em Jesus Cristo é algo de muito sério, não uma fé descafeinada. Não se pode cultivar um cristianismo de meras devoções, sem Jesus. O Papa, assim como Pedro, não tem nem ouro nem prata, mas transporta o que há de mais valioso: Jesus Cristo, Ele é a única riqueza. Mas um Jesus Cristo morto e ressuscitado; não se deve ficar no sepulcro, não se deve ser cristão de quaresma, sem Páscoa... A alegria do Evangelho enche o coração de todos os que se encontram com Jesus.

3. De uma Igreja centrada no pecado, e que fez do sacramento da confissão uma tortura, e converteu o acesso aos sacramentos numa alfândega inquisitorial... para uma Igreja da misericórdia de Deus, da ternura, da compaixão, com entranhas maternas, que reflete a misericórdia do Pai, uma Igreja sobretudo hospital de campanha que cura feridas de emergência, que cuida da criação, na qual os sacramentos são para todos, não só para os perfeitos. A convocação de um Sínodo sobre a Família, e o questionário que enviou e que trata de temas pastorais urgentes, como a situação dos divorciados casados novamente, a união de homossexuais, as relações pré-matrimoniais, o controlo da natalidade e o magistério sobre a moral sexual... indica que há um desejo de ampliar o campo da misericórdia e de o estender a todas as situações conflituosas.

4. De uma Igreja centrada em si mesma, autorrefencial, preocupada com o proselitismo... para uma Igreja dos pobres, preocupada, sobretudo, com a dor e o sofrimento humano, a guerra, a fome, o desemprego juvenil, os idosos, onde os últimos sejam os primeiros, onde não se possa servir a Deus e ao dinheiro; uma Igreja profética, livre em relação aos poderes deste mundo; na *Evangelii gaudium* afirma que o atual sistema económico baseado na idolatria do dinheiro é injusto, pois enriquece uns poucos, e converte uma grande maioria em massas sobrantes, é um sistema excludente que mata; por isso, proclama bem alto um “não” a uma

economia de exclusão, um “não” à nova idolatria do dinheiro, um “não” ao dinheiro que governa em vez de servir, um “não” à desigualdade que gera violência. Em Lampedusa, critica a atitude dos países ricos em relação aos emigrantes africanos e asiáticos, muitos dos quais morrem, na tentativa de chegar às costas europeias: é uma vergonha, vivemos na bolha do consumo e com o coração anestesiado face ao sofrimento alheio; no Brasil, diz aos jovens que criem confusão e sejam revolucionários em busca de um mundo melhor e mais justo; afirma que as confissões religiosas do mundo inteiro devem unir-se para resolver o problema da fome e da falta de educação...

5. De uma Igreja fechada em si mesma, relíquia do passado, com tendência a olhar para o próprio umbigo, num ambiente de estufa, que espera que os outros venham até ela... para uma Igreja que sai às ruas, “faz arruadas de fé”, vai às margens sociais e existenciais, às fronteiras, aos que estão longe, mesmo correndo o risco de sofrer acidentes; não teme uma Igreja minoritária e pequena, contanto que seja semente e fermento, que abra caminhos novos, que avance sem medo de servir, uma Igreja ao ar livre, que percorra as sarjetas do mundo, uma Igreja em estado de missão.

6. De uma Igreja que discrimina os que pensam de modo diferente, a diversidade, os outros... para uma Igreja que respeita os que seguem a sua própria consciência, as outras religiões, os ateus, os homossexuais, que dialoga com os não crentes, com os judeus, nossos irmãos maiores, uma Igreja de portas abertas, atenta aos novos sinais dos tempos.

7. De uma Igreja com tendência restauracionista e que tem saudades do passado... para uma Igreja que considera que o Vaticano II é irreversível, que é preciso implantar as suas intuições sobre a colegialidade, evitar o centralismo e o autoritarismo no governo, caminhar no seio das diferenças. O próprio título de Bispo de Roma é uma confirmação da colegialidade episcopal, da colegialidade com os seus irmãos bispos. O Papa reconhece que não tem respostas para todas as questões, que é preciso reformar o papado, que é preciso atribuir responsabilidades aos leigos, dar maior protagonismo à mulher, desclericalizar a Igreja, pois o clericalismo não é cristão.

8. De uma Igreja com pastores fechados nas suas paróquias, clérigos ocupados com o despacho, que anseiam fazer carreira, que estão no laboratório e que, às vezes, acabam por se tornar colecionadores de antiguidades, com bispos que passam a maior parte do seu tempo nos aeroportos... para pastores a cheirar a ovelha, que caminham à frente, atrás e no meio do seu povo; o carreirismo é a lepra do papado, a cúria é vaticanocêntrica e, facilmente, transmite esta sua visão ao mundo.

9. De uma Igreja envelhecida, triste, com gente com cara de defunto ou com

sorriso de hospedeira de bordo... para uma Igreja jovem e alegre, fermento na sociedade, com a alegria e a liberdade do Espírito, plena de luz e transparência, sem nada a ocultar, com flores na janela e a cheirar a lar materno, onde os protagonistas sejam os jovens, pois eles são como que a menina dos olhos da Igreja.

10. De uma Igreja ONG piedosa, clerical, machista, monolítica, narcisista... para uma Igreja Casa e Povo de Deus, mais mesa do que estrado, que respeita a diversidade, onde os leigos, as mulheres, as famílias desempenham um papel relevante. É a Igreja de Aparecida, de discípulos e missionários para que os nossos povos em Cristo tenham vida, uma casa eclesial onde reina a alegria.

Na realidade, após um ano de gestão pastoral como Bispo de Roma, podemos afirmar que, com Francisco, se retomou o Vaticano II que permanecera, de algum modo, silenciado e estacionário. O papa não inventou nada de novo, reassumiu o impulso pentecostal do Vaticano II. A Igreja do Papa Francisco, no fundo, é a Igreja do Vaticano II, a mesma Igreja com que João XXIII sonhara e que, até agora, tinha sido fortemente travada e diluída. Volta a renascer uma primavera eclesial.

Não é circunstância de somenos o fato de Bergoglio ser natural da América Latina, uma Igreja que recebeu o Vaticano II com grande criatividade e profundidade: a Igreja de Medellín e Aparecida, a Igreja com alguns bispos verdadeiros Santos Padres da Igreja dos pobres – como Hélder Câmara e Romero –, a Igreja das comunidades de base, da Bíblia devolvida ao povo, a Igreja da profunda religiosidade popular dos pobres, a Igreja de leigos comprometidos com a justiça e com a pastoral, a Igreja de uma vida religiosa inserida no meio dos pobres, a Igreja de numerosos mártires assassinados por defenderem a fé e a justiça.

Questionamentos e interrogações

Foi muito o que o Papa Francisco realizou no seu primeiro ano de pontificado, mas é muito o que ainda resta fazer. Cabe a Francisco levar a bom termo questões que o Concílio iniciou, mas não chegou a concretizar, como o modo de eleição dos bispos, fazer que os sínodos sejam, não apenas consultivos, mas deliberativos, favorecer a autonomia e a responsabilidade das Igrejas locais...

E enfrentar o que o Vaticano II não tratou, mas que são tarefas e desafios urgentes: reforma do papado e da cúria, abandono da chefia do Estado do Vaticano, mudar o modo de eleição do Papa, revisão da estrutura de cardeais e núncios, abandonar o episcopado honorífico e sem diocese real, dos dirigentes dos dicastérios da cúria, repensar o papel da mulher na Igreja, promover a ordenação de homens casados, rever a moral sexual e matrimonial, a pastoral com os divorciados casados de novo, o problema da homossexualidade, a relação com os teólogos, assumir o grande desafio ecológico...

Acrescentemos a tudo isto a necessidade de responder à problemática religiosa e espiritual que surge do novo contexto sociocultural, científico e técnico do mundo de hoje, do novo tempo axial que surge com paradigmas que deitam por terra os esquemas religiosos provenientes do neolítico – centrados no sacerdote, no altar e no sacrifício –, reagir face às novas formas de espiritualidade e de agnosticismo, etc. Atualmente, o problema já não é, como no Vaticano II, perguntar: “Igreja, o que dizes de ti mesma”, mas “Igreja, o que dizes sobre o mistério de Deus”

Poderá um só homem levar a cabo estas reformas tão necessárias e urgentes? Não será uma carga excessiva para o primado de Pedro? Não deveria ser uma tarefa colegial de todos os bispos, mais até, de toda a Igreja? Não é o próprio Francisco a pedir-nos a todos que sejamos “audazes e criativos”?

“Devemos afirmar que é uma ilusão pensar que as reformas e mudanças eclesiais vêm exclusivamente de cima. A história ensina-nos que as grandes transformações da Igreja (assim como as da sociedade...) surgem de baixo para cima, a partir de onde habitualmente age o Espírito: a partir dos leigos, dos pobres, das mulheres, dos marginalizados. Cabe a todos nós renovar e reformar a Igreja a partir do Evangelho, convertendo-nos a Jesus de Nazaré e ao seu Reino. Sem a cooperação e a iniciativa das bases, a Igreja nunca mudará.”

Enquanto agradecemos ao Senhor pelo grande dom do Papa Francisco que devolveu a alegria à Igreja, estamos dispostos a colaborar na renovação da Igreja. O Papa Francisco já nos abriu o caminho.

Terminamos com um poema de **Rafael Alberti** (1902-1999), poeta espanhol, na qual ele simula um diálogo entre a estátua de bronze de Pedro no Vaticano e o Senhor:

Diz, Jesus Cristo,
por que me beijam tanto os pés?
Sou São Pedro aqui sentado,
em bronze imobilizado,
não posso olhar para o lado, nem dar um pontapé,
pois tenho os pés gastos, como vês.
Faz um milagre, Senhor.
Deixa-me descer ao rio,
voltar a ser pescador
que é o que sou”

A reflexão é do teólogo jesuíta VÍCTOR CODINA, em artigo publicado no sítio espanhol *Religión Digital*, 20-07-2014.